



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**“ÁFRICA EM MINIATURA”: A PAISAGEM LINGUÍSTICA NA REPÚBLICA  
DOS CAMARÕES**

**PEDRO HENRIQUE WALDEZ FRAGOSO**

DRE: 117089676

Rio de Janeiro

2021

PEDRO HENRIQUE WALDEZ FRAGOSO

DRE: 117089676

**“ÁFRICA EM MINIATURA”: A PAISAGEM LINGUÍSTICA NA REPÚBLICA  
DOS CAMARÕES**

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Letras:  
Português-Francês.

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Balga Rodrigues  
(FL - UFRJ)**

Rio de Janeiro

2021

F811

Fragoso, Pedro Henrique Waldez

“África em miniatura”: a paisagem linguística na República dos Camarões / Pedro Henrique Waldez Fragoso. -- Rio de Janeiro, 2021.  
26 f.

Orientador: Luiz Carlos Balga Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Francês, 2021.

1. Linguística. 2. Bilinguismo. 3. Camarões. I. Rodrigues, Luiz Carlos Balga, orient. II. Título

À Universidade pública brasileira.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
DIGLOSSIA E BILINGUISTO .....	8
MERCADO LINGUÍSTICO.....	11
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS .....	12
O BILINGUISTO CAMARONÊS COMO POLÍTICA LINGUÍSTICA .....	13
LÍNGUAS NACIONAIS E DIGLOSSIA .....	16
SITUAÇÃO ATUAL DO FRANCÊS NOS CAMARÕES .....	21
CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS .....	25

## INTRODUÇÃO

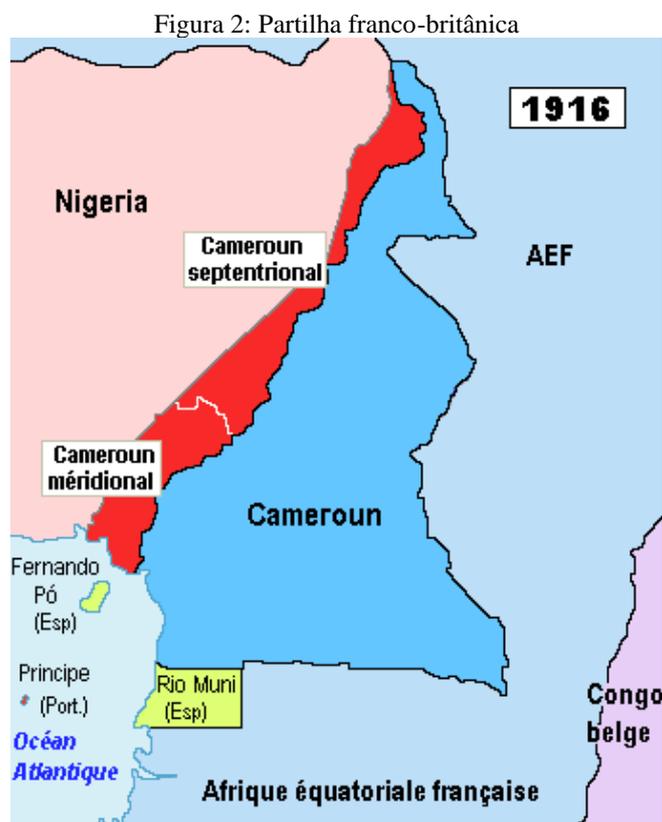
A República dos Camarões é um país localizado na parte ocidental da África, com população de cerca de 25 milhões de habitantes (2019). O seu território de 475 442 km<sup>2</sup> se divide em 10 províncias. Se comparado a outras nações africanas, Camarões se destaca por sua história de relativa paz interna e estabilidade política. Possui histórico de colonização alemã (entre 1901 - 1916), britânica (1919-1961) e francesa (1919 – 1960), o que construiu um fato interessante sobre o país: a presença de duas línguas oficiais, o inglês e o francês, além de cerca de 269 línguas nacionais vivas, espalhadas por toda a extensão de seu território. Neste trabalho, iremos falar um pouco mais sobre todas essas línguas, desde seus *status* aos prováveis motivos que as levaram até eles.

A existência de duas línguas oficiais é herança direta do passado colonial camaronês, onde já existiram duas colônias sob administrações diferentes: os Camarões britânicos e os Camarões franceses. Até hoje, é possível ver que as províncias camaronesas que formavam determinada colônia ainda mantêm o domínio da língua dos colonizadores dessa região, como podemos ver no mapa abaixo, que também apresenta os países vizinhos dos Camarões.

Figura 1: Divisão interna da República dos Camarões



O mapa da figura 1, atual, apresenta quase as mesmas fronteiras do mapa da figura 2, que mostra o território camaronês a partir da partilha franco-britânica, feita após o fim da I Guerra Mundial e da então queda do chamado Império Colonial Alemão. Há apenas uma pequena alteração: pode-se perceber, comparando-se ambos os mapas, que os chamados Camarões Setentrionais foram incorporados ao território da atual Nigéria.



(LECLERC, Jacques. 2019)

A independência e a unificação camaronesa aconteceram em 1960 e 1961, com arbitragem da Organização das Nações Unidas. Um referendo realizado nos Camarões Meridionais, sob tutela britânica, teve como resultado a incorporação desse território à atual República dos Camarões, em detrimento da atual Nigéria. Não se pode dizer, no entanto, que essa escolha teve fins linguísticos, mas sim sociopolíticos: os ingleses não tratavam esse território da mesma forma que tratavam a Nigéria, e nem da mesma forma que os franceses tratavam os "seus" Camarões. Com isso, os habitantes dos Camarões Meridionais esperavam uma melhor administração e melhorias diretas em sua qualidade de vida.

Embora tenha seus originais histórico-políticas na Alemanha, na França e no Reino Unido da Grã-Bretanha, o nome do país vem da língua portuguesa: veio do "Rio dos Camarões", nome do atual rio Wouri, dado pelos portugueses no século XV. Foi

somente no século XIX, no entanto, que uma expedição enviada a mando do chanceler alemão Otto von Bismarck ocupou e proclamou como seu esse território. Com métodos recheados de brutalidade, essa missão enfrentou grande resistência local. Já nesse tempo houve conflitos linguísticos: a língua duala foi escolhida como língua veicular, mas, além de não ser reconhecida e falada em todo o território, enfrentava resistência de parte da própria missão de alemães, que queria que a educação fosse em sua língua germânica. Com o tempo e certa formação urbana da colônia, a língua alemã teve algum crescimento interno, já que alguns setores locais gostariam de se comunicar diretamente com as autoridades coloniais. Porém, o número de escolas e disciplinas em alemão era baixíssimo: a língua era ensinada como disciplina, mas não era fortemente utilizada como língua veicular nas demais disciplinas. Isso, aliás, contrariava a política de germanização determinada pelo governo alemão.

O crescimento da rede de ensino e populacional, no entanto, só veio com as posteriores administrações britânica e francesa. Não se pode afirmar que a língua alemã deixou marcas ou “sementes” no território. Com as colonizações francesa e inglesa, o número de falantes de ambas as línguas apresentou aumento, já que os vizinhos dos Camarões têm, cada um, uma dessas línguas como línguas oficiais.

Diferentemente da maioria das nações em que há um bilinguismo entre a língua francesa e a língua inglesa, e contrariando sua própria Constituição, que defende que ambas as línguas oficiais devem ter o mesmo valor, a primeira possui evidente primazia nos Camarões: Yaoundé, sua capital política, e Douala, sua capital econômica e principal centro portuário, ficam ambas nas regiões francófonas dos Camarões. Além disso, das dez províncias do país, oito delas têm o francês como língua mais falada, com exceção do Sudoeste e do Noroeste, onde o inglês é mais falado. Essas duas províncias, no entanto, só abrigam 20% da população camaronesa. É ainda no Sudoeste que se localiza a principal universidade anglófona do país, a Universidade de Buéa.

Esse complexo cenário linguístico é um dos motivos da alcunha “África em miniatura”, que comumente é atribuída à República dos Camarões. Neste trabalho, falaremos um pouco mais deste rico cenário, analisando-o a partir de conceitos acadêmicos. Também serão analisados dados linguísticos e as políticas linguísticas criadas e implementadas por legisladores locais.

## DIGLOSSIA E BILINGUISMO

O vocábulo *diglossia* tem origem na língua grega e é formado por dois componentes: “*di*”, que significa “duas vezes”, e “*glossia*”, que quer dizer “língua”. Seu primeiro uso no campo da linguística ocorreu na obra de Jean Psichiari, em 1885, que utilizou essa palavra para descrever justamente um fenômeno grego, segundo o qual duas variedades dessa língua passaram a servir a finalidades diferentes, quando a Grécia se tornou independente do Império Otomano. No processo de escolha de sua língua oficial, notou-se que o grego clássico, principal candidato, era muito diferente do grego vernáculo. Para resolver esse impasse, criou-se então uma norma padrão, que usava o léxico e gramática clássicos, mas que supria as necessidades contemporâneas de comunicação. Houve, então, duas variantes bastante diferentes exercendo papéis específicos na sociedade grega. A variante vernácula, por diversos motivos, seguia ocupando o lugar de língua materna, sendo ensinada e aprendida no seio familiar. A variante padrão, por sua vez, era ensinada posteriormente e empregada em âmbitos formais, como no cenário político e administrativo.

Posteriormente, em 1959, Charles Ferguson transformou esse conceito em universal, ao adicionar uma conceituação científica a ele, sempre que houvesse condições que levassem ao uso de variedades diversas em um mesmo cenário estudado.

Diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, em adição ao dialeto primariamente adquirido (que pode incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade bem divergente e bastante codificada, por vezes mais gramaticalmente complexa, que é base de grande e respeitada parte da literatura escrita, seja em um período anterior ou em outra comunidade de fala, e que é largamente ensinada pelo sistema educacional formal, sendo usada principalmente em textos escritos e em discursos formais, embora não seja utilizada em nenhum nível da comunidade para conversas correntes. (FERGUSON, 1972 [1959], p. 244-245. Tradução nossa).<sup>1</sup>

Para ilustrar a definição, Ferguson cita a Grécia, do exemplo original, além de países árabes – onde também existe uma diferença entre o árabe vernáculo e o árabe padrão – e o Haiti, com o francês padrão e o crioulo de origem francesa. Todos esses locais, para ele, empregam uma “variedade alta” (nos exemplos, o primeiro citado) e uma

---

<sup>1</sup> Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any section of the community for ordinary conversation.

“variedade baixa” (também nos exemplos, o segundo citado). Função social, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, dicionário e fonologia são alguns dos fatores que Ferguson analisa para a criação desse conceito e separação dessas duas variedades.

No caso camaronês, não podemos aplicar o conceito de diglossia de Ferguson sem levar em consideração Joshua Fishman e seu artigo “*Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*” (1967). Tal como Ferguson, Fishman é um autor central no desenvolvimento desse termo. Nesse artigo, temos a adição de diferentes línguas ao termo e não apenas variantes altas e baixas de uma mesma língua, como Ferguson defendeu. O Paraguai, para Fishman, é um caso claro de diglossia bilíngue, posto que o espanhol ocupa a posição de variedade alta e o guarani, de variedade baixa. Ambas as línguas não possuem a mesma matriz, mas seu uso, função social e prestígio, por exemplo, configuram-nas nessas posições. Em um dos exemplos de Ferguson – o caso haitiano – há críticas ao fato de se considerarem o francês padrão e os crioulos de origem francesa como uma mesma língua.

É importante frisar que o próprio título do artigo de Fishman já não deixa dúvidas de que ambos os conceitos podem ocorrer de maneira conjunta, mas isso não é uma regra: “O bilinguismo é essencialmente uma caracterização do comportamento linguístico individual, enquanto a diglossia é uma caracterização da organização linguística de um nível sociocultural”. (FISHMAN, 1967, p. 34, tradução nossa)<sup>2</sup>. Há sociedades bilíngues quando mais de uma língua é utilizada nessa sociedade, mas a diglossia não é automática e não se aplica quando o conhecimento de todas essas línguas não é essencial para a vida nela, com emprego claro de línguas em certas funções sociais, por exemplo.

Isso não quer dizer que o bilinguismo não possa ocorrer no nível sociocultural. O que Fishman defende é que o bilinguismo sozinho não é sociocultural, mas quando há ocorrência dele nesse nível de interação linguística, é uma manifestação do bilinguismo diglótico. O caso camaronês ilustra bem tanto o conceito de bilinguismo de maneira isolada quanto o bilinguismo com diglossia, respectivamente na relação que a língua francesa possui com a língua inglesa (bilinguismo puro) e como as línguas francesa e

---

<sup>2</sup> Bilingualism is essentially a characterization of individual linguistic behavior whereas diglossia is a characterization of linguistic organization at the sociocultural level.

inglesa se relacionam com as demais línguas nacionais camaronesas (bilinguismo com diglossia). Situações de fronteira linguística, como na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai também são exemplos geográficos de um nível mais brando de um bilinguismo, nesse exemplo do português com o espanhol.

Moreno Fernández (1998) também defende que a situação de diglossia se define por línguas desempenhando funções diferentes numa mesma sociedade, não importando, portanto, se essas são dialetos de uma mesma língua ou se não possuem qualquer relação de parentesco.

Há diversas críticas a esses conceitos, por serem tecidos, em um maior número, do ponto de vista do falante de uma dessas línguas dominantes. Além disso, essas situações linguísticas podem mudar muito rapidamente: com o maior uso de escritores do grego dito vernáculo, e após uma mudança da língua oficial pela ditadura militar grega, o exemplo grego da diglossia virou apenas história menos de duas décadas depois de ser descrito por Ferguson.

Outra crítica comum ao conceito de Ferguson e de Fishman é a de estar baseado em conceitos binários, não levando em consideração que, talvez, essas características possam estar mais inseridas em um *continuum* em que as funções e uso não sejam tão claros como descritos, uma vez que a paisagem linguística local pode sofrer diversas influências. Lambert-Félix Prudent, ao analisar a Martinica, rejeita utilizar o termo diglossia, pois acusa seu uso como colonial.

Tendo partido em busca da fronteira entre as línguas martiniquenses, não encontramos nem linha de fratura nítida, nem sistema escalonado. Refutamos, então, retomar por conta própria e sem precauções adjetivais firmes o velho conceito colonial de diglossia, que mascara mais que resolve problemas, e ficaremos por enquanto com a noção de zona interletal (PRUDENT, 1981, p. 34, tradução nossa).<sup>3</sup>

Paisagem linguística é um termo que Manzano (2003) utiliza para se opor à definição de diglossia, uma vez que a considera uma forma de domar o uso de uma língua para servir à ciência positivista. Manzano acredita que o uso de duas ou mais línguas ocorre pela junção de diversas forças, tornando qualquer situação linguística instável. O

---

<sup>3</sup> Parti à la recherche de la frontière entre les glossies martiniquaises, nous n'avons rencontré ni ligne de fracture nette, ni système échelonné. Nous refuserons donc de reprendre à notre compte et sans précautions adjectivales fermes le vieux concept colonial de diglossie qui masque plus de problèmes qu'il n'en résout, et nous nous tiendrons pour l'heure à la notion de zone interlectale

termo paisagem linguística é usado como metáfora, mas que é facilmente entendida: uma paisagem na moldura é fácil de ser descrita, mas bem diferente é ver essa paisagem complexa *in loco*.

Assim, na soma desses conceitos e de suas devidas críticas, podemos aplicar o conceito em Camarões: hoje, vemos a língua francesa em clara posição de destaque social, com função bem definida. O inglês também possui essa posição, em menor escala. Então, pode-se dizer que há um bilinguismo entre essas duas línguas, sem necessariamente existir uma diglossia. Quando se comparam ambas as línguas com as demais línguas nacionais camaronesas, vemos que o uso, função e histórico dessas línguas as põem em uma posição na qual podemos classificá-las como “variantes baixas”. Então, nesse caso, há um bilinguismo com diglossia entre o francês, o inglês e as demais línguas nacionais camaronesas.

## MERCADO LINGUÍSTICO

A expressão *Mercado Linguístico*, usada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, também pode ser utilizada para nos ajudar a entender a paisagem linguística camaronesa. Bourdieu utiliza essa expressão ao defender que a linguagem, a troca linguística e as relações de comunicação são também relações de poder simbólico. Utilizando o modelo de Saussure, que distingue uma linguística interna de uma externa, e as relações sociais que passam pela língua, o sociólogo francês se debruça no ato de fala com um enfoque sociológico e simbólico. Contudo, Bourdieu não considera o modelo de Saussure suficiente para descrever a heterogeneidade social que passa pelo ato de fala. É certo que o produto de fala só é tratado como mensagem se for decifrado, mas é o que Bourdieu chama de *mercado linguístico* que contribui para formar o valor simbólico e o sentido do discurso.

Segundo o autor, "o que circula no mercado linguístico não é 'a língua', mas discursos estilisticamente caracterizados [...] na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para produzir a mensagem que ele percebe e aprecia." (BOURDIEU, 2008, p. 26). Quando Bourdieu fala de *mercado linguístico*, ele o descreve, porém, como uma paisagem linguística em que só existe uma língua, e não em uma situação de bilinguismo ou de diglossia como a vivida nos Camarões. Sobre as situações de bilinguismo, o autor

as cita em outro capítulo, dizendo que as considera interessantes para “observar de maneira quase experimental as variações da língua empregada em função da relação entre os interlocutores.” (BOURDIEU, 2008, p. 66). Em uma situação de diglossia e bilinguismo, como nos Camarões, podemos dizer que o mercado linguístico é maior e unificado, e as palavras que poderiam assumir sentidos opostos podem ser separadas em outras línguas.

A religião e a política extraem seus melhores efeitos ideológicos das possibilidades que se encerram na polissemia inerente à ubiquidade social da língua legítima. Numa sociedade diferenciada, as palavras que chamamos comuns, "trabalho", "família", "mãe", "amor" recebem na realidade significações diferentes, e até antagônicas, pelo fato de que os membros da mesma "comunidade linguística" mal ou bem utilizam a mesma língua e não várias línguas diferentes. O que explica a existência de um número cada vez maior de significados para os mesmos signos é sem dúvida a unificação do mercado linguístico. Bakhtin lembra que, nas situações revolucionárias, as palavras comuns assumem sentidos opostos. (BOURDIEU, 2008, p. 26)

O mercado linguístico está unificado mesmo em línguas diferentes, uma vez que a "comunidade linguística" é a mesma, ao menos se analisarmos Camarões como partes e não como um todo. Essa falta de neutralidade da língua é justamente o que possibilita a escolha léxica e linguística dos falantes, somada também a um *consensus* social de qual o local de cada língua. Essa unificação do mercado linguístico é necessária para que um modo de expressão (uma língua ou uma utilização dela) se imponha como legítimo (BOURDIEU, 2008, p.34).

## **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS**

Louis-Jean Calvet define política linguística como "um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua (s) e vida social" (CALVET, 2007). Podem existir diversos tipos de políticas linguísticas: as políticas linguísticas familiares – que abrangeriam pequenos grupos, as supranacionais, as regionais. O principal tipo, porém, e que será utilizado para tratarmos da República dos Camarões, abrange os Estados nacionais.

O plurilinguismo e a relação entre as línguas ocorre então de duas maneiras: *in vivo* e *in vitro*. As relações linguísticas *in vivo* referem-se à maneira como pessoas que falam diferentes línguas resolvem essa barreira – daí pode ocorrer o nascimento de *pidgins*, ou línguas de contato, termo utilizado para línguas espontâneas e com gramática simples e normalmente originária da junção de duas línguas. As relações *in vitro*, porém,

não tem essa espontaneidade: são forjadas por linguistas e aceitas (ou não) por políticos, que as modificam ou não e as impõem como política de Estado. Políticas *in vitro*, porém, não costumam ocorrer sempre da forma planejada: por se tratar de algo que tem a população e suas relações como fatores fundamentais para serem atingida, sofre sempre com as modificações causadas por relações linguísticas *in vivo*.

Um caso constante de política linguística de Estado costuma ocorrer em ex-colônias, que, ao proclamar independência, podem escolher uma língua oficial diferente da do colonizador: é o caso da Malásia. Falaremos sobre línguas oficiais mais à frente. A Malásia é um interessante caso de estudo, pois, quando a língua oficial foi escolhida, entre todas as mais de 200 línguas daquele território, foi escolhida uma “língua de ninguém”, “neutra”. Assim, tentou-se uma adoção geral por parte da população, não priorizando nenhum grupo a fim de garantir alguma isonomia.

Outro caso emblemático de política linguística de Estado, embora tenha ocorrido dentro de uma região autônoma de outro Estado, é o da Catalunha, que resgatou o catalão após a ditadura de Francisco Franco na Espanha (1939 - 1975). Durante a Espanha Franquista, a língua catalã foi proibida e a Catalunha perdeu parte de sua autonomia. Com o fim da ditadura e uma nova configuração político-social na Espanha e, conseqüentemente, na Catalunha, a língua catalã lá voltou a ser incentivada nas escolas e nas ruas por tratados de autonomia local, que incentivavam uma situação de bilinguismo entre essa e o castelhano, língua oficial de toda a Espanha. Essa política *in vitro* catalã é considerada um sucesso, embora, obviamente, tenha sofrido com as relações *in vivo*.

Esses conceitos serão bastante utilizados neste trabalho, uma vez que analisaremos a seguir as políticas *in vitro* de Camarões, com suas diretrizes e anseios, e sua aplicação *in vivo*, que depende da população. É importante frisar que esse trabalho não tem como objetivo ser atemporal, e sim capturar a paisagem linguística dos Camarões contemporaneamente – paisagem essa em constante mudança.

## **O BILINGUISMO CAMARONÊS COMO POLÍTICA LINGUÍSTICA**

A partir da melhor definição de diglossia, de bilinguismo para Ferguson e Fishman, de mercado linguístico para Bourdieu e de política linguística para Calvet, podemos analisar melhor o caso camaronês. O bilinguismo entre as duas línguas oficiais nos Camarões é uma das principais políticas linguísticas desse país, citado na

Constituição de 1972 (revista em 1996) em seu artigo 1º (3): “A República dos Camarões adota o inglês e o francês como línguas oficiais de igual valor. Ela garante a promoção do bilinguismo em toda a extensão de seu território. Ela trabalha pela proteção e promoção das línguas nacionais.”<sup>4</sup>

Podemos definir uma língua oficial como uma língua “conhecida e reconhecida (mais ou menos completamente) em toda a jurisdição de certa autoridade política”, que “contribui, por sua vez, para reforçar a autoridade que fundamenta sua dominação” (BOURDIEU, 2008, p. 31). O conceito de língua oficial é tão soberano que, quando pensamos em um Estado, pensamos primeiro em sua língua oficial, e não nas outras possíveis línguas minoritárias sem *status* que possam existir nesse local. Em Camarões, as políticas linguísticas veem o bilinguismo oficial entre o francês e o inglês como prioridade, mas consideram também as línguas nacionais e sua promoção.

O bilinguismo oficial é visto como um "orgulho nacional" na primeira linha do Preâmbulo dessa Constituição: "O povo camaronês, orgulhoso de sua diversidade linguística e cultural, elemento de sua personalidade nacional que ela ajuda a enriquecer..."<sup>5</sup>.

Além disso, o bilinguismo é citado na Lei de Orientação da Educação nos Camarões (2013-2020), nos artigos 3, 5 e 11:

Artigo 3: O Estado consagra o bilinguismo em todos os níveis de ensino como fator de unidade e de integração nacional.

Artigo 5: [...] A educação tem como objetivos: 1. a formação de cidadãos enraizados em sua cultura, mas abertos ao mundo e respeitosos do interesse geral e do bem comum; [...] 4. a promoção de línguas nacionais.

Artigo 11: O Estado assegura o desenvolvimento e implementação da política de educação em que participam os órgãos de poder local e regional, as famílias e as instituições públicas e privadas. Para este fim, assegura a adaptação permanente do sistema educacional às realidades econômicas e socioculturais nacionais, bem como ao ambiente internacional, particularmente no que diz respeito à promoção da educação científica e tecnológica, do bilinguismo e do ensino das línguas nacionais; (CAMARÕES, 2013)

---

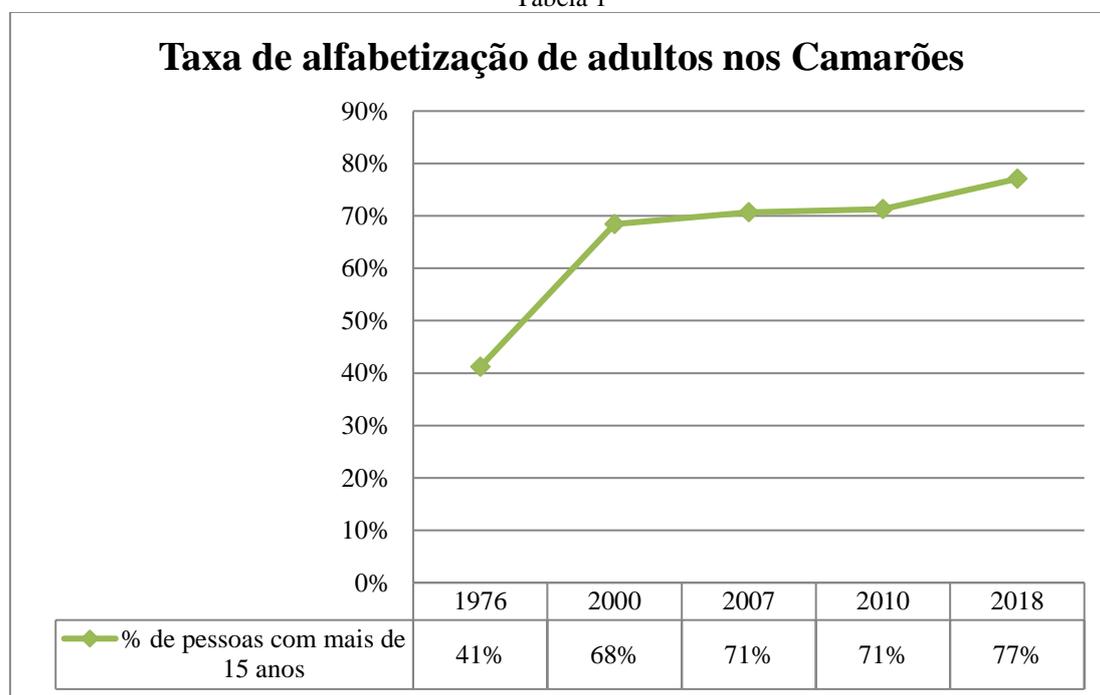
<sup>4</sup> Article premier [...] (3) - La République du Cameroun adopte l'anglais et le français comme langues officielles d'égale valeur. Elle garantit la promotion du bilinguisme sur toute l'étendue du territoire. Elle œuvre pour la protection et la promotion des langues nationales.

<sup>5</sup> Le Peuple camerounais, fier de sa diversité linguistique et culturelle, élément de sa personnalité nationale qu'elle contribue à enrichir...

Apesar de o bilinguismo ser – dadas suas citações – amplamente desejado pelos formuladores de políticas públicas, desde pelo menos a Constituição de 1966, o mais recente Documento Estratégico do Setor de Educação (2013-2020) ressalta que essa política linguística tem pouca relevância no dia a dia do país: o bilinguismo entre o francês e o inglês na vida cotidiana é apontado como tímido. Este mesmo documento prevê o fortalecimento do bilinguismo no sistema educacional, sobretudo nos anos iniciais de ensino. O mesmo documento também defende e fixa como meta o ensino das línguas nacionais camaronesas, outra importante variável.

O sucesso da política linguística está ligado a uma eficiente rede educacional. A taxa de alfabetização de adultos nos Camarões era, em 2018, de 77%. Esse número é superior aos seus vizinhos: a Nigéria tinha 62% e a República Centro-Africana possuía 37%. Há nos Camarões uma proximidade entre os números de homens e mulheres alfabetizados: respectivamente 77% e 72%. Ainda comparando com sua vizinha, a Nigéria, os dados para essas categorias são respectivamente 71% e 53%. Na República Centro-Africana, são 50% e 26%. (UNESCO *Institute for Statistics*, 2020)

Tabela 1



(UNESCO *Institute for Statistics*. 2020)

O nível de alfabetização nos Camarões, portanto, é considerável, embora longe do ideal. A porcentagem, porém, aumenta a cada ano. Em 42 anos, quase dobrou, passando de 41% (UNESCO *Institute for Statistics*, 2020) para a taxa atual de 77%. Espera-se que,

nos próximos anos, e com melhorias no sistema educacional, o número de falantes de ambas as línguas simultaneamente cresça cada vez mais, à medida que o número de habitantes com maior formação também aumente.

## LÍNGUAS NACIONAIS E DIGLOSSIA

Se o sistema educacional luta para implementar um bilinguismo entre o francês e o inglês nos Camarões, é importante frisar que grande parte da população já fala ao menos duas línguas, podendo ser considerada bilíngue: o francês ou o inglês e uma das 283 línguas nacionais camaronesas. Um número bastante alto, que conta com algumas particularidades e torna a República dos Camarões um caso interessante: das quatro famílias linguísticas africanas - afro-asiática, nigero-congolesa, nilo-saarianas e khoisan -, só a última não é base de nenhuma língua nacional camaronesa.

Calvet (2002) fala um pouco do modelo gravitacional das línguas, segundo o qual, ao redor de uma língua hipercentral (como ele classifica o inglês), gravita uma dúzia de línguas supercentrais (onde ele classifica o francês). É ao redor dessas últimas que gravitam cerca de quatro ou cinco mil línguas periféricas (é aqui onde estariam situadas as línguas nacionais camaronesas). Camarões já é um ponto fora da curva desse modelo proposto, já que a língua hipercentral seria o francês. O inglês, nesse cenário, ocuparia o espaço de língua supercentral.

Essa apresentação, segundo o próprio autor, é puramente descritiva. Abre, contudo, um debate interessante sobre a dominação de certas línguas em relações a outras - é daí que surgem as políticas linguísticas de proteção das línguas. A partir dessas considerações, Calvet nos faz uma indagação que cabe muito no cenário camaronês: "É possível manter sobrevivendo, por uma série de determinações terapêuticas ou em perfusão, formas linguísticas abandonadas por seus falantes?" (CALVET, 2002, tradução nossa<sup>6</sup>)

A mundialização é um fator novo e curioso para isso. Se, antes, as sociedades eram mais fechadas e puramente rurais, a crescente urbanização e as trocas sociais constantes, com o advento da internet, aumentam consideravelmente o número de situações socialmente distintas que encontramos no nosso dia-a-dia – e, em locais

---

<sup>6</sup> "Est-il possible de maintenir en survie, par une sorte d'acharnement thérapeutique ou de mise sous perfusion, des formes linguistiques abandonnées par leurs locuteurs?"

plurilinguísticos, como nos Camarões, aumenta também o número de vezes em que há situações que demandariam o uso de línguas diversas, como vimos em capítulos anteriores.

Responder a questões como é mais difícil do que parece. Princípios existentes sobre a língua ser produto do homem, e não o inverso, nos fazem pensar sobre a proteção e o combate às línguas e quais as situações que fazem com que essas línguas tenham uma função social. Nas palavras do autor: "a gestão política das línguas passa por uma análise de suas funções práticas e/ou simbólicas." (CALVET, 2002, tradução nossa<sup>7</sup>)

Embora impressione o alto número de línguas nacionais presentes, apenas 14 delas têm mais de 100.000 falantes e são vistas como majoritárias. A grande maioria delas é descrita como residuais ou minoritárias, com pouco número de falantes atuais.

Segundo Grimes (1996), o quadro linguístico dos Camarões é o seguinte naquele ano:

Tabela 2

<b>Línguas nacionais camaronesas e seus <i>status</i> atuais</b>		
<b>Nº. de falantes nativos</b>	<b>Nº. de línguas nacionais (t: 283)</b>	<b><i>Status</i></b>
0	14	<b>Extintas</b>
< 1000	72	<b>Residuais</b>
> 1000, < 100.000	183	<b>Minoritárias</b>
> 100.000, < 700.000	14	<b>Majoritárias</b>

(GRIMES, B. F. 1996)

Essas línguas nacionais são usadas pela população de modo bem diferente daquele de que se utilizam o inglês e o francês. Há aqui um exemplo de atitude linguística.

<sup>7</sup> : la gestion politique des langues passe par l'analyse de leurs fonctions pratiques et/ou symboliques

Segundo Dominique Lafontaine, podemos definir atitude linguística como "a forma como sujeitos avaliam línguas, variantes, variáveis linguísticas ou, mais amiúde, locutores expressando-se em línguas ou variantes linguísticas particulares."<sup>8</sup> (Tradução nossa). Trata-se, então, de um comportamento, uma conduta, uma postura em relação a uma língua qualquer.

Esse conceito está intrinsecamente ligado ao de imaginário linguístico, que foi definido por Cécile Canut da seguinte forma: "Conjunto das normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, observável através dos discursos epilinguísticos. Ele engloba a relação pessoal que o sujeito estabelece com a língua". (*apud* CALVET, 1999, p. 155; tradução nossa)<sup>9</sup>

É pouco provável que uma língua nacional seja utilizada em ambientes corporativos ou governamentais, sendo mais utilizada em reuniões familiares e informais. Além disso, muitos jovens de regiões em que as línguas nacionais eram majoritárias já não têm mais interesse em aprendê-las, preterindo-as em favor do francês e do inglês.

Essas línguas nacionais são preteridas nos ambientes governamentais e de negócios, onde o francês e o inglês são amplamente utilizados. Os principais usos das línguas nacionais são o familiar e o social. Isso é um claro exemplo de uma atitude linguística, que resulta em uma diglossia existente nos Camarões: situação em que cada língua desempenha uma função específica. O francês (sobretudo) e inglês (em algumas regiões e em menor escala) são as línguas da educação, da administração, etc. As línguas nacionais são reservadas para as conversações familiares, informais, etc.

Segundo Ferguson (1959), *Diglossia* é uma situação linguística com relativa estabilidade onde, além de um uma língua padrão, há outro dialeto extremamente divergente, às vezes mais complexo gramaticalmente, que é utilizado na literatura escrita e aprendido normalmente através de educação formal, mas que não é utilizado por ninguém para conversas ordinárias. Repetindo o que já mencionamos acima, função, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, dicionário e fonologia são alguns dos fatores que Ferguson analisa para a criação desse conceito. Dois

---

<sup>8</sup> la manière dont des sujets évaluent soit des langues, des variétés ou des variables linguistiques soit, plus souvent, des locuteurs s'exprimant dans des langues ou variétés linguistiques particulières. (1997, p.56)

<sup>9</sup> Ensemble des normes évaluatives subjectives caractérisant les représentations des sujets sur les langues et les pratiques langagières, repérable à travers les discours épilinguistiques. Il rend compte du rapport personnel que le sujet entretient avec la langue.

deles são centrais para analisar o caso camaronense: a função e o prestígio. Embora a definição de Ferguson se atenha a dois dialetos de uma mesma língua, pensando em uma língua padrão e um dialeto dela, Moreno Fernández (1998) defende que a situação de Diglossia se define por línguas desempenhando funções diferentes de uma mesma sociedade, não importando, portanto, se são dialetos de uma mesma língua ou se não possuem qualquer relação de parentesco.

A função de cada uma das línguas, como vimos em parágrafo anterior, é bem clara: em ambientes governamentais, empresariais, devem-se utilizar as línguas francesa e inglesa. Por ser a língua do colonizador, que exerceu, por anos, função de poder, gira em torno dela um prestígio linguístico. O fato de ser uma das línguas mais estudadas e faladas no mundo também contribui para isso. As línguas nacionais camaronesas, por sua vez, não possuem registros escritos. Isso as deixa mais maleáveis, tornando difícil até mesmo sua educação e promoção. Por isso, são renegadas muitas vezes ao uso doméstico.

Há a tendência de que essas línguas nacionais percam cada vez mais número de falantes. Segundo Denis (2001), muitas dessas línguas já são desconhecidas das gerações mais jovens, nos locais onde eram amplamente difundidas há 20 anos. Além disso, o número de jovens adultos que dizem se servir do francês em situações familiares já é bem grande: cerca de 72%, segundo Denis. O de adultos – ou seja, uma geração mais velha que o primeiro grupo, que diz falar francês em situações familiares – é de 42%, o que pode apontar para uma tendência de extinção dessas línguas nacionais, principalmente as minoritárias, ou ao menos a diminuição de seus falantes, se nada for feito.

A queda do número de falantes é reflexo da política colonial – seja da França, da Alemanha ou da Inglaterra. Todos esses países, quando colonizadores, não consideraram o ensino das línguas nacionais camaronesas, optando apenas pelo ensino de suas línguas. As diretrizes coloniais da França, além disso, proibiam a total veiculação de todas as línguas que não a francesa nas escolas, em todas as suas colônias na África. Ou seja, os professores não podiam utilizar as línguas nacionais com os estudantes, o que as vezes impossibilitava o próprio ensino.

Mesmo após a independência, essas diretrizes foram mantidas. Foi apenas depois da revisão constitucional de 1996 que as línguas nacionais foram incluídas no texto, sendo incluídas na lei de diretrizes educacionais apenas em 1998. Essas inclusões foram um

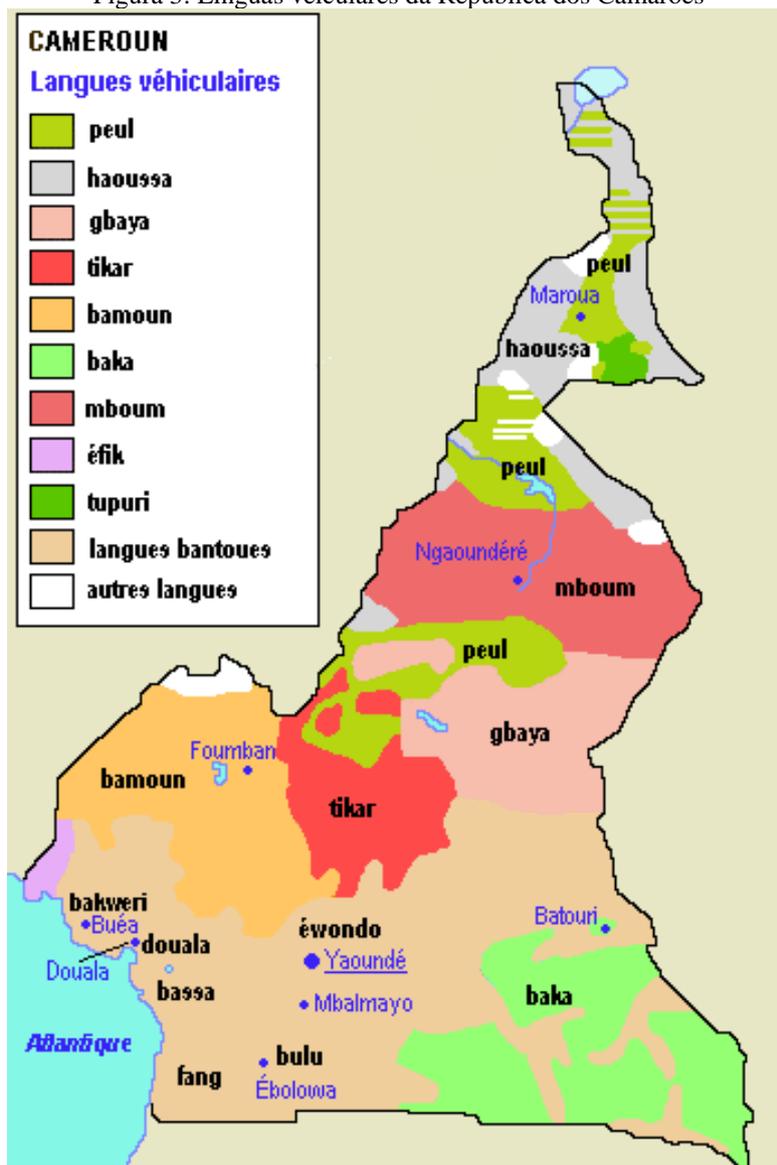
ponto de virada para essas línguas, que ganharam um amparo legal para serem ensinadas e preservadas.

A partir disso, temos nos Camarões um tímido início das atividades de ensino de línguas nacionais. O ensino de uma língua nacional, porém, não deve ser considerado um ato isolado: para dar certo, é necessário que haja interesse político, participação social e, principalmente, que o uso dessas línguas consiga sair dos muros escolares. Uma pesquisa realizada em Adamaoua, uma das províncias camaronesas, mostra que 90% dos pais de alunos estariam dispostos a matricular seus filhos em uma das escolas que oferece essa modalidade de ensino (DAOUAGA SAMARI, 2012). O fulfulde é uma das principais línguas nacionais e uma das principais de Adamoua e seria a principal escolha desses pais.

Como iniciativas dessa forma são recentes, ainda não há dados sobre o impacto delas. Contudo, há algumas variantes que podem ser consideradas entraves ao sucesso dessa política. A primeira delas é a Lei de Orientação da Educação. Embora marcante por citar o fomento às línguas nacionais, o faz sem maiores diretrizes sobre o ensino dessas línguas, tornando o processo confuso. Além disso, há falta de interesse econômico no uso dessas línguas, o que contrasta com o grande interesse pelas línguas europeias como o francês e o inglês. A ausência de uma política de conscientização a nível nacional sobre as línguas nacionais também é um fator relevante a ser considerado.

No mapa da figura 3, podemos ver algumas das principais línguas veiculares camaronesas e suas áreas de atuação no território. A maioria dessas línguas veiculares são aprendidas de forma natural, sem intermédio escolar. A maioria da população usa o francês como língua veicular, principalmente nos setores administrativos e educacionais.

Figura 3: Línguas veiculares da República dos Camarões



(LECLERC, Jacques. 2019)

## SITUAÇÃO ATUAL DO FRANCÊS NOS CAMARÕES

Com essa complexa paisagem linguística, seria ingênuo pensar que a língua francesa se manteve totalmente fiel ao chamado *français standard*, ou francês padrão. A língua, como ente vivo, ao entrar em contato com as demais línguas presentes nos Camarões, incluindo o inglês, fez e recebeu empréstimos, influenciando e sendo influenciada de diversas maneiras.

O colonizador, dotado de um método construtivista, tentou formar um falante ideal do francês, sem levar em consideração conceitos hoje básicos no campo linguístico, como a variação. Mesmo após a independência, o ensino da língua manteve-se praticamente igual ao da França, e o Departamento Camaronês de Educação continuou a

ser formado por pessoas que faziam parte da administração colonial. Esse sistema educacional, em um país recém-independente e com pouca infraestrutura, mostrou-se desconectado da realidade local, onde boa parte da população alfabetizada ainda o era por meio de voluntários na zona rural.

A criação do Departamento de Francês na Faculdade de Letras de Yaoundé foi decisiva para a mudança, uma vez que se passou a considerar toda variação existente nos Camarões como algo vivo e passível de estudo.

O Inventário das partículas lexicais do francês na África negra (Equipe IFA), feito em 1983, é uma fonte primordial para a pesquisa das diferenças regionais de cada variação da língua francesa. O IFACAM, inventário do francês nos Camarões, estuda primordialmente o francês falado nessa região, sendo um desmembramento da Equipe IFA. As observações são feitas a partir de fontes escritas (obras literárias, jornalísticas, textos oficiais, dentre outros) e fontes orais (como transmissões radiofônicas e televisionadas, teatros e gravações de pesquisas).

O contato permanente com outras línguas é um dos principais motivos para essas variações apontadas por pesquisadores. Considerando que o francês não é tido como a língua materna para a maior parte da população, o empréstimo pelo francês de termos mais enraizados é realizado de maneira mais frequente.

O estudo da língua francesa na República dos Camarões tem início com a vontade de se distinguir o que é francês *standard* do que é o francês da África. Com o aprimoramento de pesquisas linguísticas nos Camarões, a partir do desenvolvimento do país e do crescimento do interesse, já temos hoje uma enorme gama de autores e estudos sobre Camarões que, como Feussi e Tsofack (2011), criticam essa dicotomia entre um francês *standard* intocável e suas variações:

Por que então continuar considerando como modelo a “língua standard”, definida e concebida pelos pesquisadores como um fantasma (Robillard, 2003)? Por que estabilizar a variação, supondo-se que ela não opera no plano das formas linguísticas? A urgência é então pressionar para conceber os “fatos” das línguas e, portanto, de fazer a (sócio) linguística de outra forma no terreno camaronês (africano de uma longa medida), onde a especificidade exige novas competências. (FEUSSI; TSOFAK (2011)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Pourquoi donc continuer de considérer comme modèle la « langue standard » définie et conçue par des chercheurs comme un fantôme (Robillard, 2003) ? Pourquoi stabiliser la variation en supposant qu'elle ne s'opère que sur le plan des formes linguistiques ?... L'urgence est donc pressante de concevoir les « faits »

A partir dessas argumentações, a dupla tenta responder sobre uma suposta urbanidade linguística nos Camarões, levando em consideração suas complexidades, configurações e (re) configurações. Esse texto não é o primeiro, mas é um bom exemplo da tentativa de se estudar a língua francesa, levando em consideração outros contextos e visões.

O artigo "*Desafios políticos e territoriais do uso do francês em Camarões*"<sup>11</sup>, de Bitjaa Kody Zachée Denis (2007), nos fornece um bom retrato da situação atual do francês, ajudando a entender o fortalecimento da língua. Como vimos em parágrafo anterior, o número de jovens adultos que dizem falar o francês em situações familiares já é bem grande: cerca de 72% (Denis, 2001). Nesse artigo mais recente, Denis também nos fornece a informação segundo a qual, entre jovens, o francês é visto como a língua da modernidade, enquanto as línguas nacionais camaronesas são vistas como “línguas de cidades do interior, de pessoas velhas e de iletrados” (2007, p. 59)<sup>12</sup>. Essa visão não muda o fato de que todos os jovens se identificam como camaroneses, o que indica que a identidade camaronesa está em plena mutação. O autor também indica que a França é malvista entre os camaroneses, por seu passado colonial e por, segundo muitos, ainda fazer política neocolonial com suas ex-colônias africanas. O francês, no entanto, já está mais inserido em seu dia-a-dia e, embora tenha sido a língua do colonizador, parte da língua já foi excluída dessa identidade colonizadora e incluída na identidade nativa.

Um dado curioso é o fato de que o inglês, mesmo sendo minoria nos Camarões, é visto como uma língua dominante, principalmente economicamente, em relação ao francês por 91,1% dos entrevistados. Isso se deve muito ao fato de que países vizinhos a Camarões – e economicamente mais prósperos – falam a língua inglesa. Outro dado interessante, agora em relação ao francês, é que 70,5% dos entrevistados não se preocupam com isso. Em um país oficialmente bilíngue, o que, então, prende os jovens camaroneses à língua francesa, posto que ela majoritariamente não é a língua materna deles? A visão de que ela é “a língua de acesso ao emprego administrativo remunerado” (2007, p. 63)<sup>13</sup>, uma das maneiras mais fáceis de se ascender na vida naquele país.

---

de langues et partant, de faire la (socio)linguistique autrement sur le terrain Cameroun (africain dans une large mesure) dont la spécificité exige de nouvelles compétences.

<sup>11</sup> Enjeux politiques et territoriaux de l'usage du français au Cameroun

<sup>12</sup> langues du village, des vieilles personnes et des illettrés.

<sup>13</sup> langue d'accès à l'emploi administratif rémunéré.

Nada disso muda o fato de que a língua francesa continua sendo a língua dominante do país. Presente em todas as práticas cotidianas, nada indica mudanças próximas nessa configuração. Mas, acima de tudo, o que mais impede mudanças não é uma afeição a essa língua, e sim a falta de uma alternativa linguística imediata, ausência essa motivada pelo fraco sistema educacional e pelo fato de o bilinguismo oficial ser pouco presente na realidade local.

## CONCLUSÃO

A partir dos diversos dados apresentados nesse trabalho, conseguimos notar uma complexidade do cenário linguístico que Camarões apresenta. Embora sob o ponto de vista jurídico as duas línguas oficiais tenham igual poder e todas as línguas nacionais são vistas como patrimônios nacionais, a realidade apresenta diversos fatos que contradizem esse cenário idealizado.

Qualquer projeção futura feita aqui terá simples papel especulativo, pois, sendo essa pesquisa feita com fim de entender um pouco mais desse rico país africano, devemos levar em conta que políticas *in vitro* sempre irão esbarrar nas práticas *in vivo*. A chance de erro, portanto, é grande. Baseado no que temos hoje, podemos concluir que o francês é e continuará sendo a língua dominante no país, sendo uma língua que, mesmo tendo sido introduzida durante um período de dominação colonial, já é falada e abraçada pela população – que não esquece sua origem. O inglês, apesar de ter a mesma origem, por se concentrar em pequena parte do território, acaba não sendo tão ativo politicamente como o francês. Além disso, como os partidos políticos dominantes do país acabam alimentando a dominação da língua francesa sob a língua inglesa, mesmo que sua constituição defina ambas como iguais, a escolha do francês ou do inglês torna-se também uma escolha político-partidária, onde a maioria francófona vence. Desde sua independência, todos os presidentes camaroneses são de origem francófona.

Até esse ponto, não é possível prever o futuro das línguas nacionais camaronesas. Mesmo com sua implementação no sistema educacional do país, conseguirão alguma estabilidade? Deixarão de ser línguas de vilarejos e serão introduzidas nas grandes cidades camaronesas, que crescem cada vez mais? Uma literatura poderá surgir, elevando seu *status* em alguma região camaronesa de língua B para língua A? A resposta a todas essas perguntas, se fossem feitas no presente, seria não. No entanto, como foi dito

anteriormente, há chances de essa resposta estar errada em alguns anos. Pensada a partir de políticas recentes, deve-se olhar com atenção a implementação dessas para analisar o cenário vindouro.

O que o passado e o presente da República dos Camarões nos ensinam, acima de tudo, é que diversas línguas podem, sem prejuízo comunicativo, conviver no mesmo cenário linguístico. Os povos que habitam esse cenário vão dar um jeito de realizar o que separa os homens dos animais, que é a capacidade de se comunicar e de viver em sociedade. É ótimo que a República dos Camarões exista para que possamos ver e analisar uma rica paisagem linguística como essa.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer**; prefácio Sergio Miceli. - 2. ed., 1ª reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CALVET, J-L. **Mondialisation langues et politiques linguistiques**. In : Le Français dans le monde, p. 39-42. 2002

\_\_\_\_\_. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris: Plon, 1999.

\_\_\_\_\_. **Políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMEROUN. **Document de Stratégie du Secteur de l'Éducation et de Secteur de l'Éducation** (2013-2020). Ministère de l'économie, de la planification et de l'aménagement du territoire. Yaoundé, 2013. 140 p.

\_\_\_\_\_. **La Constitution du Cameroun**. Disponível em: [https://ihl-databases.icrc.org/ihl-/\\$FILE/Constitution%20Cameroun%20-%20FR.pdf](https://ihl-databases.icrc.org/ihl-/$FILE/Constitution%20Cameroun%20-%20FR.pdf). Acesso em: 30/09/2019.

DAOUGA SAMARI, Gilbert. **La Politique linguistique éducative du Cameroun : attitudes et représentations relatives à l'intégration des langues nationales dans les écoles primaires de l'Adamaoua**. Tese de Mestrado. Universidade de Ngaoundéré (Camarões), 2012.

DENIS, B.K.Z. **Émergence et survie des langues nationales au Cameroun**. TRANS-Internet-Zeitschrift für Kulturwissenschaften. n.11. December, 2001.

\_\_\_\_\_. Enjeux politiques et territoriaux de l'usage du français au Cameroun. In: **Hérodote**, 2007/3 (n. 126), p. 57-68. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-herodote-2007-3-page-57.htm?contenu=article>. Acesso em 15/05/2020.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P. P. (Org.). **Language and social context: Selected readings**. Baltimore: Penguin, 1972 (1959). p. 232-251.

FEUSSI, V. & TSOFAK, J. B. « L'urbanité (langagière) en question : penser autrement la recherche en sociolinguistique camerounaise », in Feussi, V. et Tsofack, J. B. (éd.),

**Langues et discours en contextes urbains camerounais.** (dé)constructions-complexités, Paris: L'Harmattan, pp. 13-23, 2011.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In: **Journal of Social Issues**, v. 23, n. 2, p. 29-38, 1967.

GRIMES, B. F. (Ed.). Ethnologue, 13a. edição; SIL Inc., 1996. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/13/>. Acesso em 10/05/2020.

LAFONTAINE, Dominique. Attitudes linguistiques. In: MOREAU, Marie-Louise. **Sociolinguistique, concepts de base**. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 56-60.

LECLERC, Jacques. Cameroun IN: **L'aménagement linguistique dans le monde**. 2019. Disponível em <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/cameroun.htm>. Acesso em 10/05/2021

MANZANO, F. **Cahiers de sociolinguistique**, n. 8, 2003, p. 1-15.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

PRUDENT, L.-F. Diglossie et interlecte. **Langages**, v. 15, 1981, p. 13-38.

UNESCO Institute for Statistics. **Literacy rate, adult total** (% of people ages 15 and above). Dados de setembro de 2020. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SE.ADT.LITR.ZS>. Acesso em 11/05/2021.